

# A EXPLICAÇÃO OCKHAMIANA DE PROPOSIÇÕES PASSADAS, OU INSTRUÇÕES PARA UM APRENDIZ

*Ernesto Perini-Santos*

UFMG/CNPQ

## I

A explicação de como proposições são verdadeiras é uma tarefa central de teorias semânticas, isto é, de teorias que se ocupam em explicar as relações entre a linguagem e aquilo do que ela fala.<sup>1</sup> Isto dito, ainda resta determinar o lugar que uma tal explicação tem na teoria semântica ela mesma e em particular a relação entre ‘verdadeiro’ e outros termos semânticos. Um dos objetivos deste texto é o de mostrar como, no quadro da teoria da suposição, e em especial da teoria ockhamiana, o predicado ‘verdadeiro’ deriva de uma outra relação semântica mais fundamental, a relação de suposição. Mostrarei em particular como esta relação de dependência entre dois predicados semânticos figura na apresentação das condições de verdade de proposições passadas, um modelo que pode ser estendido a proposições futuras e possíveis – a explicitação deste modelo é a minha segunda meta. O terceiro objetivo do texto é o de indicar como a explicação da denotação de proposições possíveis, isto é, a explicação de suas condições de verdade, situa a semântica das modalidades aléticas em continuidade com a semântica de proposições não presentes. Este último ponto ganha em interesse se o colo-

---

(1) Neste texto, ‘proposição’, tradução do latim *propositio*, designa frases, entidades linguísticas passíveis de serem verdadeiras ou falsas, e não entidades abstratas que são expressas por frases, que corresponde ao uso contemporâneo deste termo.

carros ao lado de um outro aspecto da teoria modal ockhamiana, a saber, o fato de modalidades serem definidas como todo termo que pode ser predicado de proposições inteiras. À guisa de conclusão, procurarei esboçar brevemente os diferentes níveis de análise de modalidades aléticas, dentro do quadro teórico ockhamiano. Meu ponto de partida será uma série de instruções para avaliação de proposições a um aprendiz que conheça a significação dos termos, mas que não saiba como eles funcionam em contextos frasais.

## II

Como compreender a explicação da denotação de proposições em Ockham? Imaginemos alguém que não compreenda o que é denotado por uma proposição. Façamos a suposição que ele conhece a significação dos termos categoremáticos; os sincategoremáticas serão introduzidos ao longo da explicação das proposições.<sup>2</sup>

Sejam os termos 'homem' e 'animal' e a proposição

(a) o homem é um animal.

Nosso aprendiz deverá considerar no conjunto dos significados de 'homem' e de 'animal', na sua significação ampla, i.e. no conjunto de todos homens e no conjunto de todos os animais, aqueles que existem no momento da enunciação. Esta seleção de alguns significados no conjunto de todos os significados dos dois termos, determinada pelo terceiro termo da proposição, 'é', é sua suposição em (a). Em seguida, ele deve examinar se todos os significados presentes do primeiro termo (todos seus supósitos em (a)) se encontram entre os significados presentes do segundo termo (seus supósitos em (a)). Se este for o caso, a proposição será aceita; senão, isto é, se os supósitos do sujeito não estiverem todos entre os

---

(2) Apesar desta importante precisão inicial, baseada num elemento da filosofia ockhamiana, meu procedimento não pretende encontrar as explicações que ele pôde (ou não pôde) dar da aquisição de diferentes tipos de termos, e em particular dos termos sincategoremáticos.

supósitos do predicado, a proposição não é aceita. Uma proposição aceita será dita verdadeira, e, caso ela não seja aceita, falsa. Este procedimento é a avaliação de uma proposição. Deve-se observar que se introduz aqui o que é significado por 'verdadeiro', termo categoremático que tem uma significação definida, assim como 'homem' e 'animal', por uma determinada operação de avaliação. Não é necessário introduzir os termos 'suposição' e 'supósito', basta explicar a operação de seleção de significados presentes num dado contexto proposicional.

Este método utiliza a noção semântica de significação e recorre à capacidade de examinar se indivíduos estão entre os significados presentes de um termo. A noção de suposição, ou antes a operação correspondente, é introduzida após a de significação, que é pressuposta na presente apresentação. Se este movimento é justificado, no quadro teórico ockhamiano, pelo fato dela ser adquirida naturalmente pela experiência das coisas significadas, para o presente argumento pode-se permanecer neutro em relação a este ponto e simplesmente estipular que a significação é dada de antemão – assim como se aceita que o aprendiz sabe realizar a seleção dos significados presentes de um termo. A seleção que corresponde à noção de suposição é determinada pelo contexto lingüístico criado pelo termo 'é', de tal modo que para a avaliação da proposição:

(b) o homem foi um animal,

diferente de (a) por apenas um termo, é preciso selecionar outros indivíduos entre os significados dos mesmos termos categoremáticos. A introdução contextual da noção de suposição é correlativa à do termo sincategoremático 'é'. Este termo é dito sincategoremático porque ele determina esta seleção sem ter ele mesmo significado algum – assim como 'suposição', não é necessário que o aprendiz conheça o termo 'sincategoremático' (ou 'categoremático'), basta que ele reconheça a diferença entre (a) e (b).

Este procedimento permite-nos introduzir aos poucos a interpretação ockhamiana da negação, dos sincategoremáticos como 'todos' e 'alguns' etc. Pela reitração do procedimento, podemos explicar:

(c) o homem é um animal é verdadeiro.

Para isto, é preciso julgar se o sujeito de (c), a proposição ‘o homem é um animal’, supõe por alguma coisa pela qual supõe o predicado de (c), ‘verdadeiro’. O ponto mais complexo está na ocorrência material de ‘o homem é um animal’ em (c), e não no predicado semântico ‘verdadeiro’, introduzido na explicação de (a).

Será necessário distinguir entre a ocorrência material e a ocorrência significativa de ‘o homem é um animal’. Para o aprendiz, não se trata de compreender as expressões ‘ocorrência material’ e ‘ocorrência significativa’ (ou ‘suposição material’ e ‘suposição significativa’), assim como não era necessário que ele conhecesse as expressões ‘suposição’ e ‘sincategoremático’. Estes termos semânticos correspondem a certas operações que devem ser realizadas pelo aprendiz. Trata-se aqui de ver que não se deve desencadear o processo de avaliação de ‘o homem é um animal’ na primeira parte de (c). Mas como?

O bloqueio da avaliação imediata de ‘o homem é um animal’ na primeira parte de (c) deve resultar da consideração do predicado ‘verdadeiro’, introduzido após a avaliação de (a). Com efeito, o aprendiz sabe que ‘verdadeiro’ aplica-se a proposições aceitas pelo procedimento de avaliação descrito acima. Ele deve então encontrar uma proposição da qual ele possa predicar o predicado ‘verdadeiro’, e para isto vai fazer a avaliação do outro extremo de (c), ‘o homem é um animal’; se (c) for aceita, ela se encontra entre os significados de ‘verdadeiro’, mais precisamente, entre seus supósitos presentes; senão, trata-se de uma proposição falsa. É claro que o desencadeamento desta segunda avaliação corresponde ao desbloqueio da primeira parte de (c). A reiteração do procedimento de avaliação é um elemento novo e exige o bloqueio da avaliação de um extremo da proposição num primeiro momento – o que corresponde à suposição material. O leitor reconhecerá que este procedimento em dois níveis indica que a proposição que o sujeito de (c) supõe materialmente por ela mesma tomada em suposição pessoal.

Esta subida semântica leva a quatro observações. A primeira é que é preferível introduzir o procedimento complexo de avaliação de (c) unicamente pela compreensão do predicado, sem referência à ordem de palavras, como seria por exemplo a instrução ‘procure o que é significado pela última palavra’, mesmo se o predicado é a última palavra (ou a expressão depois da cópula). Esta resposta

permite a avaliação de proposições do tipo ‘verdadeira é a proposição este homem é um animal’. Mas sobretudo este procedimento corresponde a um traço essencial da teoria ockhamiana dos tipos de suposição, o fato de que o tipo de suposição do sujeito (ou de um extremo) é determinado pelo que é significado pelo predicado (ou pelo outro extremo). A segunda observação é que nem sempre a suposição material exige uma reiteração de avaliações – por exemplo, ‘o homem é um animal é falada’. A reiteração é exigida pela significação do predicado. O bloqueio da consideração de um extremo da proposição, se se entende por isso a eliminação da consideração da suposição pessoal num primeiro momento, é sempre exigida pela suposição material, mesmo se a volta pode ser de diferentes tipos, e em particular não exigir sempre uma nova avaliação. Observemos ainda que as aspas de citação, na interpretação tarskiana, tornariam este procedimento inútil. Mas justamente a idéia de que um termo sujeito possa ser tomado em suposição material independentemente do predicado da proposição não é de modo algum ockhamiana (e está de maneira geral em oposição à teoria da suposição). Devemos assim ter um procedimento complexo, se queremos manter a teoria ockhamiana: a suposição material do sujeito depende da significação do predicado. Finalmente, se um procedimento análogo ao da avaliação de (c) seria utilizado se ‘verdadeiro’ fosse substituído por ‘falso’ ou por outro predicado semântico, a avaliação ela mesma corresponde à aplicação de ‘verdadeiro’ a (c), e não a ‘o homem é um animal’.

Se um dos extremos da proposição é um termo de segunda intenção, significa algum traço da linguagem (como ser verdadeiro, ser escrito etc.), então o outro extremo pode ser tomado em suposição material. Em alguns casos, e em particular no caso do predicado ‘verdadeiro’ (mas não apenas: ‘supõe por’ ou ‘falso’, por exemplo, também exigiriam uma avaliação em dois momentos), é necessário fazer duas avaliações sucessivas (ou eventualmente mais avaliações) para se decidir do valor de verdade da proposição em questão. As instruções que proponho introduzem o significado de predicados semânticos, mas não me parece ilegítimo pressupor que outros predicados passíveis de fazer com que o outro extremo seja tomado em suposição material (como ‘escrito’) sejam eles mesmos pressupostos na presente ex-

plicação, assim como termos de primeira intenção. Esta distinção recobre aquela entre termos de segunda imposição no sentido estrito e no sentido amplo.<sup>3</sup>

A aplicação recursiva do procedimento de avaliação nos permite decidir do valor de verdade de (c). O aprendiz reconhece que o mesmo tipo de procedimento aplicado a (a) serve na segunda avaliação em (c): (i) o reconhecimento dos significados dos termos, (ii) uma certa seleção entre os significados e (iii) uma certa relação entre os dois grupos de significados selecionados. De certo modo, um procedimento de mesmo tipo é aplicado na avaliação de (c) ela mesma, a complexidade sendo introduzida pela significação de 'verdadeiro'.

Uma vez que (c) foi compreendida, podemos voltar a (b), ou antes a (d):

(d) este homem foi um animal.

Como decidir se (d) é verdadeira? Diremos ao aprendiz que para decidir se deve aceitar ou não (d), ele deve decidir se aceita ou não a seguinte proposição:

(e) este homem é um animal foi verdadeira.

Ele irá examinar o que é significado por cada um dos termos de (e) e, lembrando-se da subida semântica em (c), sabe que a avaliação será aplicada duas vezes. Ele deve então examinar a proposição

(f) isto é um animal.

---

(3) Um termo de segunda imposição no sentido restrito significa apenas termos convencionais, i.e., escritos e falados, na medida em que são significativos, como 'verbo', 'caso' etc. ; um termo de segunda imposição no sentido amplo significa termos convencionais independentemente de serem significativos, como 'qualidade', 'falado' etc, e não se aplicam apenas a termos convencionais ; cf. GUILHERME DE OCKHAM, *Summa Logicae*, ed. BOEHNER, Ph., GÁL, G. e BROWN, S. St. Bonaventure, NY : St. Bonaventure University, 1974, I, 11 (doravante 'SL'). Esta distinção deve ser refinada para separar também termos que significam intenções da alma e termos convencionais ou apenas os últimos, e é paralela à distinção que diz respeito a termos mentais entre intenções primeiras e intenções segundas, exposta no capítulo seguinte da *Summa Logicae*. Deve-se observar que estas distinções são mais complexas do que podem parecer à primeira vista, como é o caso em geral da teoria da suposição material.

Ele não pode contudo aplicar o procedimento utilizado em (a), senão teríamos uma proposição presente ; (f) deve ser avaliada como (a), mas na situação de avaliação determinada por (d). Esta frase é ambígua, porque seu sujeito pode supor por coisas passadas e por coisas presentes, e parte da análise ockhamiana de proposições pretéritas visa explicar esta duplicidade de interpretação. Aceitemos que o sujeito de (f) supõe por um significado presente de 'homem'. Como selecionar os supósitos de 'animal'?

Como já observamos, (f) não pode aparecer isolado na avaliação de (d), não pode ser destacado de (e), como (a) podia ser separado de (c). Quais são os supósitos passados de 'verdadeiro'? Como saber se uma proposição foi verdadeira no passado? (e) é verdadeira se e somente se o supósito presente do sujeito de (f) está entre os supósitos passados de seu predicado. Duas situações da avaliação, presente e passada, devem ser consideradas. É preciso deslocar a seleção dos supósitos do sujeito e do predicado, no domínio delimitado por sua significação ampla. Mas este deslocamento não pode ser regido por 'é', que determina, ao contrário, uma seleção no domínio dos presentes. Existem duas possibilidades, mudar 'é' em (f) por uma instrução de seleção passada, ou mudar a situação na qual (f) deve ser avaliada.

A primeira hipótese equivale à volta a (d), justamente a proposição que se deve explicar. O outro caminho é o de dizer que (f) deve ser avaliada pelo menos numa situação passada (considerando a estipulação da suposição presente de 'homem' em (f)); é preciso então verificar se o mesmo tipo de relação que há entre (a) e a situação presente existe entre (f) e as situações nas quais é avaliada. Na verdade, a avaliação de (f) é mais complexa do que a de (a), porque o dispositivo de avaliação inclui dois momentos no tempo nos quais se denota que os supósitos existem. (f) deve ter sido verdadeira num momento  $t_n$ , anterior ao momento  $t_n$  da enunciação de (d). Como na avaliação de (a), trata-se de encontrar uma determinada relação entre a suposição do sujeito e a suposição do predicado. Aqui, o sujeito supõe no presente por algo pelo que supõe o sujeito duma proposição passada (ou que poderia ter existido no passado) na qual o predicado é o predicado de (e). De maneira mais precisa

(A) A proposição *este homem foi um animal* é verdadeira num momento  $t_n$  se e somente se (i) *homem* supõe por aquilo pelo que supõe o sujeito da proposição isto é um animal em  $t_n <_n$ , aquilo pelo que supõe *homem* é homem em  $t_n$ , e (ii) isto é um animal foi verdadeira em  $t_n <_n$ .<sup>4</sup>

Esta análise é incompleta. Inicialmente, deve-se lembrar que excluimos uma ambiguidade da frase, pois o sujeito pode supor também por coisas passadas. Deveríamos também fazer duas precisões suplementares: (i) o predicado deve figurar ele mesmo na frase passada (*ipsummet praedicatum, et non aliud*),<sup>5</sup> e (ii) não é necessário que a frase tenha sido formada em  $t_n <_n$ , basta uma condição contrafactual do tipo ‘se a frase tivesse sido formada em  $t_n <_n$  ...’.<sup>6</sup> Mas sobretudo ainda temos o predicado ‘verdadeiro’ que, como sabemos, pode ser explicado por outra relação semântica, a suposição. Uma análise completa (com as restrições apontadas acima) de (d) tem a seguinte forma:

(A') A proposição *este homem foi um animal* é verdadeira num momento  $t_n$  se e somente se (i) *homem* supõe em  $t_n$  por aquilo pelo que supõe o sujeito da proposição isto é um animal em  $t_n <_n$ , aquilo pelo que supõe *homem* é homem em  $t_n$ , e (ii) isto supõe em  $t_n <_n$  por alguma coisa pela qual supõe animal em  $t_n <_n$ .

No procedimento proposto, um novo elemento é introduzido, a distinção entre situações de avaliação. Se a idéia já figurava de certa forma na explicação de

(4) Não utilizo aspas de citação nas explicações da denotação de proposições para não introduzir nelas um elemento conceitual não existente na teoria ockhamiana. Esta escolha torna tais explicações talvez menos claras, mas as faz mais próximas do aparato conceitual ockhamiano.

(5) « ...si sit propositio de affirmativa requiritur quod praedicatum sub propria forma, hoc est quod ipsummet praedicatum vere per tale verbum praedicetur de eo pro quo subiectum supponit, ita scilicet quod propositio in qua praedicatur praedicatum de pronomine demonstrante praecise illud pro quo subiectum supponit fuit aliquando vera, si sit propositio de praeterito, vel quod erit aliquando vera, si sit propositio de futuro. », SL, II, 7, l. 9-15, p. 269-270. Trata-se da (particular) interpretação ockhamiana da fórmula ‘*praedicatum appellat suam formam*’.

(6) Uma crítica de Roberto Holcot a Ockham visa este ponto ; cf. COURTENAY, William J. A Revised Text of Robert Holcot's Quodlibetal Dispute on Whether God is Able to Know More Than He Knows. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, 53, 1971, p. 1-21.

(a), ela não aparece de modo explícito enquanto apenas o tempo presente é considerado. Agora o presente ele mesmo aparece como uma situação de avaliação ao lado de outras situações de avaliação, e a noção de situação de avaliação torna-se um conceito pertinente para a decisão de se aceitar ou não proposições. A explicação de (d) pelo dispositivo incluindo (e) e certas condições relativas ao sujeito e ao predicado da proposição avaliada introduz uma semântica mais complexa, necessária à avaliação das proposições com suposição não presente. Se Ockham indica a ambiguidade da suposição do sujeito como a motivação para um tratamento diferenciado entre as proposições presentes, de um lado, e as proposições passadas e futuras, de outro, a semântica ganha conceitos que seriam úteis mesmo se houvesse um marcador proposicional eliminando uma tal ambiguidade – como vimos, a complexificação da análise de frases pretéritas aparece mesmo quando, por estipulação, eliminamos a duplicidade possível da leitura. É possível assim avaliar proposições nas quais o sujeito e o predicado não podem supor por uma mesma coisa numa mesma situação, como em ‘um branco foi negro’: nenhuma proposição presente tendo esta forma foi verdadeira, mas esta proposição pode ser verdadeira, se avaliada em duas situações diferentes.

O modelo apresentado em (A') pode ser aplicado a proposições futuras e possíveis, pela modificação dos índices temporais, no primeiro caso, e pela introdução de um indicador de situações possíveis, no segundo. Para todos estes tipos de proposição não-presente, ou de suposição estendida, trata-se de introduzir situações de avaliação como parâmetros para a determinação da denotação da proposição: em que situação passada, futura ou possível os extremos da proposição são denotados supor por aquilo pelo que supõem. A partir da explicação das condições de verdade de proposições sobre o possível pode-se construir a semântica de modalidades aléticas, que se encontra assim em continuidade com a semântica de proposições passadas e futuras.

III

Este percurso que nos leva da avaliação de proposições presentes à avaliação mais complexa de proposições passadas, por um procedimento que poderia ser estendido ao futuro e ao possível, traz um elemento essencial da semântica ockhamiana: não há explicação na qual o verbo no passado desapareça. Se esta é uma tese de origem aristotélica geralmente aceita pelos filósofos medievais, ela ganha uma formulação precisa e própria na teoria da suposição (o que parece ser um destino geral de conceitos semânticos). A cópula passada é introduzida do mesmo modo que a cópula presente. Para o aprendiz, são duas instruções do mesmo tipo. A teoria torna-se mais complexa em razão de uma ambigüidade própria a proposições com suposição ampliada, mas também – e este é o ponto teórico mais importante – pela consideração de situações de avaliação diferentes, que se tornam parâmetros explícitos da semântica, aparecendo nas instruções ao aprendiz. A verdade sendo uma noção derivada da suposição, são as situações nas quais os termos são denotados existir que correspondem a diferentes situações de avaliação, situações que podem ser diferentes numa mesma proposição, relativamente ao sujeito e ao predicado.

Pode-se apresentar o método ockhamiano de explicação de uma proposição tomando-se a suposição como uma relação definida a partir da significação e de uma operação de seleção contextualmente determinada (i.e. determinada pelo contexto frasal). Deste forma, não há círculo na explicação de uma proposição com uma cópula no passado por uma outra proposição com uma cópula no passado; a cópula é uma determinação contextual desta operação de seleção, que é ela mesma primitiva. O ganho explicativo não se encontra na eliminação da cópula passada, que não ocorre, mas na explicitação da noção de situação de avaliação, que não apenas permite a descrição de situações semânticas mais complexas, como traz à luz um elemento que já era operatório para as proposições presentes, a operação de seleção dentro da significação ampla de um termo. Se de um certo ponto de vista o presente é uma situação como uma outra, de outro ele é prioritário, não apenas como o ponto a partir do qual são definidos o passado e o

futuro (o momento de enunciação), mas também como o tempo da proposição na situação deslocada. A proposição pela qual supõe o sujeito de (e), (f), está no tempo presente.

A prioridade do presente como a situação a partir da qual são introduzidas e compreendidas outras situações de avaliação é compatível com a equivalência entre diferentes situações de avaliação no aparato teórico assim construído. Vemos como na teoria ockhamiana o presente desempenha um papel essencial na construção da teoria, tanto em (a) quanto no par (e)/(f), mas ao mesmo tempo podemos vê-lo como uma situação como outra qualquer, uma vez o dispositivo teórico montado. Abandonar o primeiro ponto levaria a uma semântica num certo sentido pouco natural, longe do que parece o ponto de partida para compreensão de como falamos do mundo – seria mais difícil a nosso aprendiz começar a partir de (d) e explicar (a) por algo como ‘este homem foi um animal será verdadeira’, embora seja possível a construção de uma explicação deste tipo. O segundo ponto é contudo também essencial: para a avaliação de proposições, situações de avaliação presentes, passadas, futuras e possíveis são formalmente análogas, figuram de maneira equivalente em explicações como (A) e (A’). Esta complexa relação entre o presente e outros tempos, incluindo o possível (talvez seja melhor dizer entre o presente e outros tempos e entre o mundo efetivo e os outros mundos possíveis) é justamente apreciada na teoria ockhamiana.

No texto ockhamiano, proposições passadas são explicadas por um procedimento no qual a cópula passada não é eliminada no *explanans*, mas apenas deslocada, procedimento que adotei na explicação de (d) por (e). Uma proposição pretérita na qual o sujeito é ou contém um termo comum deve ser inicialmente distinguida, pois o sujeito pode supor pelo que existe no momento da enunciação ou pelo que existiu no passado – duplicidade de leituras que eliminamos por estipulação. Uma tal proposição, se for afirmativa, é verdadeira se e somente se

... o predicado sob sua forma própria, isto é, o predicado ele mesmo, for predicado com verdade por um tal verbo daquilo por que supõe o sujeito, de tal maneira que uma proposição na qual o predicado for predicado de um pronome demonstrativo que designa

exatamente aquilo por que supõe o sujeito tiver sido em algum momento verdadeira ... Por exemplo, se for verdadeira a proposição 'um branco foi Sócrates', e se branco supor por algo que é branco, não é necessário que tenha sido verdadeira em algum momento a proposição 'um branco é Sócrates', mas é necessário que tenha sido verdadeira 'isto é Sócrates', mostrando aquilo pelo que supõe o sujeito em 'um branco foi Sócrates'.<sup>7</sup>

A teoria ockhamiana de proposições passadas aparece precisamente nesta explicação de suas condições de verdade, que procurei apresentar em (A').

#### IV

Quais as consequências metafísicas desta teoria semântica? Qual a relação, por exemplo, entre o passado e o necessário? As respostas a estas perguntas não se encontram nesta teoria ockhamiana. Assim como a teoria modal ockhamiana, que tem um funcionamento metalinguístico, é neutra em relação a diferentes interpretações de diferentes domínios modais, como procurei mostrar em outros lugares,<sup>8</sup> a teoria semântica é neutra em relação a diferentes teorias metafísicas sobre o passado, o futuro e as modalidades aléticas. Dito de maneira mais precisa, ela nos ensina que devemos considerar diferentes situações de avaliação, mas não diz nada de substantivo sobre o modo como elas se constituem. A situação é análoga à teoria dos mundos possíveis, que oferece uma semântica, ou um tipo de

(7) ...*praedicatum sub propria forma, hoc est quod ipsummet praedicatum vere per tale verbum praedicetur de eo pro quo subiectum supponit, ita scilicet quod propositio in qua praedicatur praedicatum de pronomine demonstrante praecise illud pro quo subiectum supponit fuit aliquando vera...* Verbi gratia, si ista propositio sit vera 'album fuit Sortes', et si 'album' supponat pro eo quod est album, non requiritur quod haec fuerit aliquando vera 'album est Sortes', sed requiritur quod haec fuerit vera 'hoc est Sortes', demonstrando illud pro quo subiectum supponit in ista 'album fuit Sortes'. , SL, II, 7, l. 9-22, p. 269-270. Note-se que o uso de aspas pelo editores da *Summa Logicae* não é consistente : expressões em suposição material estão às vezes entre aspas, às vezes não.

(8) PERINI-SANTOS, Ernesto. "L'extension de la liste des modalités dans les commentaires du *Perihermeneias* et des *Sophistici Elenchi* de Guillaume d'Ockham". *Vivarium*, 40, 2002, p. 174-188 ; Idem, "La Structure de la Proposition Modale Ockhamienne", no prelo.

semântica, para a lógica modal, mas não constitui em si uma teoria modal: ainda resta escolher entre os diferentes sistemas modais possíveis, justificar esta escolha, por exemplo, por uma tese metafísica, ou ainda adotar uma teoria sobre o que são mundos possíveis. Como observa Stalnaker, os mundos possíveis oferecem um quadro (*framework*) no qual é possível esclarecer diferentes posições filosóficas, mais do que decidem teses específicas, e têm assim um interesse sobretudo metodológico.<sup>9</sup>

Uma consequência desta divisão em dois níveis de proposições com suposição estendida é que proposições modais aléticas têm três níveis de interpretação: (a) um nível metalinguístico, cuja interpretação é fixada pela teoria modal ockhamiana, (b) um nível semântico, que apresentei neste texto e (c) um nível metafísico, que traz uma teoria sobre como se constituem situações de avaliação. No restante do texto, tentarei sugerir brevemente como se dá a relação entre (b) e (c), isto é, que tipo de restrição ou indicação de solução a problemas metafísicos é dado pela teoria semântica.

Limitar-me-ei a indicações breves. A primeira delas é que discussões sobre diferentes momentos do tempo centradas no modelo de mundos possíveis afastasse da teoria ockhamiana. A razão é que 'verdadeiro' pode ser reduzido a um outro predicado semântico, 'supõe por', e que portanto relações semânticas básicas devem ser expressas em termos de relações sub-proposicionais. Mundos possíveis refletem a idéia que o conceito semântico central é 'verdadeiro' e que definir uma situação passada (ou futura, ou possível) é equivalente a definir algo sobre o que frases são verdadeiras. Operadores proposicionais passados, futuros ou possíveis, definidos à maneira de Prior, também são o reflexo desta posição: tomam frases presentes e deslocam a situação em relação à qual elas devem ser avaliadas.<sup>10</sup> Num quadro terminista, convém falar de indivíduos pelos quais supõem

---

(9) STALNAKER, Robert. "Reference and Necessity". HALE, Bob e Crispin WRIGHT (eds.) *A Companion to the Philosophy of Language*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 537-539.

(10) Cf. PRIOR, Arthur N. "Changes in Events and Changes in Things". *Papers on Time and Tense*. Oxford : Clarendon, 1968, p. 1-14.

termos, mais do que de situações descritas por frases. A cópula passada é precisamente uma instrução para seleção de suposição de termos. Mais do que de mundos possíveis, deve-se falar de coisas possíveis (*possibilia*) pelas quais supõem termos em determinadas proposições, ou ainda de coisas passadas ou futuras. Neste sentido, a expressão 'situação de avaliação' é de certo modo enganadora, ao sugerir algo análogo a mundos possíveis como necessários à construção de uma semântica para proposições passadas, futuras e possíveis.

A segunda observação, que se segue da primeira, é que uma teoria metafísica, dentro deste quadro, será uma teoria sobre indivíduos, mais do que sobre mundos. Em particular, se quisermos elucidar a relação entre o tempo e a necessidade, devemos falar do comportamento de indivíduos: que propriedades têm essencialmente ou não, se existem necessariamente ou não, se mudam ao longo do tempo e como etc. Talvez falar de *possibilia* seja necessário mesmo no quadro teórico dos mundos possíveis e, inversamente, ao tratar de propriedades, podemos falar tanto de indivíduos e suas propriedades quanto de predicções nas quais as segundas são atribuídas aos primeiros. Seria preciso uma investigação maior para explicitar as consequências metafísicas, ou as condições impostas sobre a construção de teorias metafísicas, pelo quadro teórico terminista. Este tema não será contudo tratado neste texto.

#### RESUMO

*Na semântica ockhamiana, o predicado 'verdadeiro' deriva de uma outra relação semântica mais fundamental, a relação de suposição. O autor mostra como esta relação de dependência entre dois predicados semânticos figura na análise das condições de verdade de proposições passadas, um modelo que pode ser estendido a proposições futuras e possíveis. O texto procura indicar como a explicação das condições de verdade de proposições possíveis situa a semântica das modalidades aléticas em continuidade com a semântica de proposições não presentes. Este último ponto ganha em interesse se o colocarmos ao lado de um outro aspecto da teoria modal ockhamiana, a saber, o fato de modalidades serem definidas como todo termo que pode ser predicado de proposições inteiras. Como conclusão, o autor expõe os diferentes níveis de análise de modalidades aléticas, dentro do quadro teórico ockhamiano.*

ERNESTO PERINI-SANTOS

ABSTRACT

*Within the ockhamist semantics, the predicate 'true' is explained by another more basic semantical relation, the relation of supposition. The author shows how this relationship between two semantical predicates figures in the analysis of the truth-conditions of propositions about the past, and demonstrates that it is a model that can be extended to propositions about both the future and the possible. The author indicates how the semantics of alethic modalities is in continuity with the semantics of propositions about the past and about the future. If we consider another aspect of Ockham's modal theory, viz., the fact that modalities are defined as any term that can be predicated of a whole proposition, the importance of this point becomes clear. In conclusion, the author points out the different levels of analysis of alethic modalities within an ockhamist framework.*

ANALYTICA

volume 7  
número 1  
2003